

# Negociação com os governos só depois do acordo com os bancos

por Celso Pinto  
de São Paulo

O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, desemboca nesta segunda-feira na França não propriamente para abrir uma negociação com o Clube de Paris, mas para avisar que o País está disposto a conversar assim que terminar o acordo com os bancos credores.

O Clube de Paris reúne os governos dos países desenvolvidos e centraliza a renegociação de dívidas oficiais. Desde que expirou o último acordo formal entre o Brasil e o Clube, no início do ano passado, os países deixaram de receber o principal e os juros de suas dívidas (que ficaram, não mais do que simbolicamente, depositados em cruzeiros numa conta do Banco

Central no Brasil). Só de juros, o Brasil deixou de pagar US\$ 650 milhões em 1985.

O Clube de Paris, por esta razão, tem aumentado muito suas pressões, nos últimos meses, para um acordo com o Brasil ou, caso não se chegue a um acordo, para o pagamento dos atrasados. Um acordo é difícil, já que não há precedente, desde a crise da dívida em 1982, de país que tenha renegociado débitos oficiais sem passar, formalmente, pelo crivo de um programa com o FMI.

O Brasil, pelo que explicou Bracher sexta-feira, em São Paulo, nem fará acordo com o Fundo nem desistiu de fazer um acordo com o Clube de Paris que inclua a discussão do principal e dos juros. Como argumenta Bracher, se os go-

vernos acompanham de perto a discussão dos bancos com o Brasil, inclusive dando a eles instruções, como é o caso dos Estados Unidos, então devem ter um comportamento coerente no Clube de Paris. "Não faz sentido os governos darem uma instrução aos bancos e outra diferente aos seus próprios funcionários", diz ele.

Exatamente isto o que ele dirá ao governador do Banco da França, Michel Camdessus, com quem almoça nesta segunda, e ao presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, com quem conversa à tarde. Não será, portanto, uma abertura formal de negociações, mas um convite a um acordo posterior. Bracher fará, também, uma conferência no Instituto de Estudos Bancários e

Financeiros e para a Associação de Bancos Franceses. Na terça-feira, antes de voltar ao Brasil, ele se encontrará com representantes dos cinco principais bancos franceses.

Em relação às negociações com os bancos em Nova York, Bracher prefere não estabelecer prazos para seu final. A questão do "spread", como apurou o correspondente em Washington, Paulo Sotero, deverá entrar na mesa de negociações apenas nesta segunda-feira, depois de vencida a árdua etapa de discussão do foro jurídico para solução de pendências dos empréstimos. Bracher disse que a questão do foro poderá ser encaminhada para uma solução mais duradoura na negociação de um acordo multianual, prevista para o próximo ano.